

7

Das Razões Históricas dos Fracassos Industriais Portugueses
- Alguns Tópicos Introdutórios

10

I - Contexto Imperial-Colonial Português (do século XVII ao século XX)

11

...fixemos ... a atenção nalgumas ... das interconexões metropole-império, tal como é possível divisá-las em termos de evolução histórica.

Antes de mais, como esquecer que, tal como o demonstrou **Jaime Cortesão**, a própria **Restauração «princípios» no Brasil**, ou seja, foi profundamente condicionada, em termos económicos, pela prosperidade do comércio do açúcar e, em termos sociais, pelo impulso «burguês» dos portos metropolitanos ligados a esse tráfico com a longínqua colónia sul-americana?

... todo esse reencontro do país consigo próprio se alimentou das pertinentes esperanças postas no projecto do império luso-brasileiro e cobrou alento nos êxitos alcançados na sua efectivação. As energias nacionais que lograram expulsar os Holandeses do Nordeste brasileiro e de Angola foram, em boa verdade, as mesmas que conseguiram deter as investidas dos exércitos espanhóis e levar por diante uma **complexa política de alianças internacionais**, sem as quais a sobrevivência nacional se apresentava como extremamente problemática.

Referência à **prosperidade do império brasileiro**: ... primeiro o **açúcar**, (/12) ... o **ouro**, e mais tarde o **algodão**, quando os **teares ingleses**, movidos pela força do vapor, devoravam insaciavelmente a matéria-prima disponível em qualquer parte -

tudo isso, para só referir o essencial, não só consolidou o império, mas permitiu à metrópole colonial momentos de euforia quase megalomaniaca, senão suicida.

Passagem do século XVIII para o XIX - período mais próspero de toda a ... história moderna de Portugal.

Entretanto, o Brasil começa a pensar na viabilidade daquilo que viria a ocorrer junto do Ipiranga (1822) - «Independência ou morte»!

13

O processo da **independência brasileira** (da conjura mineira, 1789, à separação efectiva, 1822) assinalou um dos períodos mais difíceis e mais traumáticos de toda a existência histórica nacional.

17

II - Crises Comerciais e Tentativas de Industrialização

Se encarmos esse estirado período de três séculos que se arrasta até aos nossos próprios dias, poderemos divisar, no respeitante às **tentativas de arranque industrial**, qualquer coisa como um movimento basculante, oscilando entre as **conjunturas favoráveis à actividade comercial**, directa ou indirectamente ligadas aos circuitos coloniais, e aqueles que, **de cariz depressionário**, condicionaram, ou parecem condicionar, a descida do prato da balança para **esforços de produção industrial de bens**.

Essa alternância entre **prosperidade comercial - estagnação ou decadência industrial ou decadência industrial** e **crise comercial - fomento da indústria**, foi detectada, empiricamente, por historiadores portugueses contemporâneos, na lenta desevolução do nosso Antigo Regime.

Periodização dos surtos industriais segundo **Vitorino Magalhães Godinho**:

Primeira tentativa de arranque (1670-75 a 1690)

Doutrinada por Duarte Ribeiro de Macedo, posta em prática pelo terceiro conde da Ericeira, essa tentativa buscou concretizar-se no **estímulo ao fabrico de lanifícios**, protegidos pela publicação de **pragmáticas**, que proibiam o uso de tecidos estrangeiros.

Ora, este período **coincidiu com a queda do preço do açúcar, tabaco e outros produtos coloniais**, índice de uma conjuntura desfavorável (/18) aos tradicionais circuitos ultramarinos. O próprio mercado metropolitano mostra-se sensível à depressão: o preço do azeite baixa. **Quando, em 1690, os preços sobem, restaurando a «prosperidade» anterior, «abandona-se a política manufactureira e deixa-se de abrir estabelecimentos industriais».**

Além do mais, o **ouro brasileiro** ... ajudará a explicar a estranha docilidade com que o «colbertismo» português se deu por vencido.

Segundo **Fisher**, nos sessenta anos seguintes, « ... **as exportações inglesas para Portugal desenvolveram-se de maneira extraordinária** e o 'comércio português' tornou-se um dos principais ramos do comércio externo inglês».

... 1) os sucessos económicos do Brasil foram, uma vez mais, condições fundamentais no conjunto da economia portuguesa;

2) a Inglaterra, com mercantilista finura, aproveitou o ensejo para drenar para as suas mãos o ouro que até parecia sobrar-nos...

Segunda tentativa de arranque (1769-1770 a 1778)

É o **período pombalino de fomento industrial**, dirigido pela **Junta do Comércio**, o qual se segue, cronologicamente, a uma severa **crise comercial**, entretanto deflagrada: **diminuição das remessas de ouro brasileiro, a companhia do Grão-Pará e Maranhão encontra-se em dificuldades (1770), decrescem os lucros comerciais na praça de Lisboa**, o que tudo se traduz numa depressão que afecta, conjuntamente, a rede atlântica e a produção colonial, o mercado metropolitano e o próprio poderio financeiro do Estado.

Arranque industrial instalação de mais de 71 estabelecimentos manufactureiros

19

As indústrias da **seda e algodão** desenvolvem-se de forma particularmente favorável.

A conjuntura de **1785-1807, favorável ao desenvolvimento comercial dos produtos ultramarinos**, joga a favor de Portugal. É que a **revolta das colónias britânicas na América do Norte, a Revolução Francesa** e as guerras consequentes, que entre si opuseram os nossos principais parceiros-competidores, deixa o pulso livre a Portugal. Os resultados não se fizeram esperar: **não só o comércio com a Ásia aumenta muito de volume**, mas também os **produtos agrícolas brasileiros** (o café, o cacau, o algodão e o arroz), tornam Lisboa e Porto, de novo, em importantíssimas plataformas comerciais, e a tal ponto que, pelos fins do século XVIII, «a **balança comercial portuguesa** tornar-se já **favorável**».

Este «quase milagre» é em grande parte devido ao **surto manufactureiro, a partir de 1769-1770**.

José Acúrsio das Neves: «**Perdido o mercado exclusivo das produções da nossa indústria, que era principalmente o Brasil**», devido à **abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional (1808)** e ao **tratado luso-brasileiro de 1810**, que sorte poderia esperar a indústria portuguesa de então, senão a ruína?

Terceira tentativa de arranque (1812-1826)

«Os números do comércio externo - com o estrangeiro e as colónias - até **1807**, compreendido este ano, não anunciava de maneira nenhuma tempos difíceis. Subitamente, **1808: é a catástrofe**. (/20) ... A balança comercial com as outras nações será a partir daqui sempre deficitária.»

30

... Ora, no que a Portugal concerne, importa que se enuncie, desde já que:

1. do século XVII até, pelo menos, à vitória dos liberais na guerra civil (1832-1834), a lusitana sociedade é, fundamentalmente, dominada pela aristocracia;
2. entretanto, os valores culturais e as atitudes mentais dominantes são de natureza aristocrático-clerical;
3. o burguês, mal consentido, vigiado, peado, no «antigo-regime», só no decurso da segunda metade do século XIX logra ir impondo o seu status ...

A **dominância aristocrático-clerical da sociedade portuguesa de «antigo-regime»** pode apreender-se pelas seguintes vias de abordagem

31

Em primeiro lugar, depara-se-nos a **posse e o usufruto da terra**.

Em Espanha, 95% da terra pertence ao rei, ao clero e à aristocracia, e 5% aos 75% que compõem todo o resto da população. Em Portugal, a situação seria naturalmente semelhante.

... a **posse e o usufruto das terras pelas casas senhoriais e pela Igreja é fundamento (e consequência também) da estabilidade da estrutura social que se alcançou e desejou conservar-se contra todos os ventos de mudança que ... sopravam nos países da Europa do Noroeste ...**

32

Referência ao papel, ou os **papeis, da nobreza e de altos dignitários da Igreja no aparelho do Estado**.

33

Mencione-se a complexa **função desempenhada**, em tal contexto socioeconómico, **pela Santa Inquisição**, à qual coube, historicamente, a missão de, a partir da plataforma aristocrático-eclésiástica a que se chegara, impedir ou refrear o dinamismo de forças de outra índole - burguesas ou para-burguesas.

Em tudo isso tenha-se em conta também a **presença e a difusão nacional dos escravos**.

Referência às **formas de tratamento** portuguesas, que acentuam e conservam marcadas diferenças de estatuto social.

41

... A partir dos **meados do século XVI**, o início do **recuo português no Oriente**, com a correlativa **translação do centro de gravidade do império para as paragens do Atlântico**, onde a competição com a Holanda e a Inglaterra se mostrava e mostraria impossível em termos de paridade socioeconómica e cultural, empurra o país, nos **meados de Seiscentos**, para uma **situação de sobrevivência e de dependência**. Tal **sobrevivência dependente exprimiu-se historicamente em hábeis arranjos diplomáticos e económicos**, os quais se repercutiram nacionalmente em termos políticos, socioeconómicos, culturais e mentais ...

42

importação de mestres estrangeiros em diversas situações

44

IV - Da (In)Dependência Portuguesa

45

... o periclitante Portugal restaurado vai eleger (ou ser obrigado a eleger) como seu **«parceiro» preferencial uma Inglaterra** que, após o **Acto de Navegação (1651)**, impõe à Holanda por todos os meios, incluindo a força, as regras do jogo que ela está disposta a tolerar no futuro ...

51

Testemunhos

53

1.1. A Indústria no Contexto do Mercantilismo Português

1.1.1. Manuel Severim de Faria:

COMO SE REMEDIARÁ A SEGUNDA CAUSA DA FALTA DE GENTE, COM A INTRODUÇÃO DE ALGUMAS ARTES MECÂNICAS

... importa muito mais a indústria do homem para fazer um lugar populoso, que não a fertilidade do terreno, porque **as coisas produzidas da indústria humana são muitas mais e de muito maior preço que as coisas geradas pela Natureza**.

54

Itália é província na qual não há mineral de ouro ou prata, como também não o há em França; e, contudo, uma e outra são abundantíssimas de dinheiro e tesouros, pela indústria das artes e mercancia. Flandres também não tem veias destes metais, e, por sua muita indústria, não há província na Europa mais habitada, nem onde haja tantas cidades e tão grandes e tão frequentadas de estrangeiros, e tão florescentes em riquezas. Portanto, **o príncipe que quiser fazer populoso o seu reino deve introduzir nele toda a sorte de indústrias e de ofícios, o que fará com trazer oficiais excelentes de outras províncias, e dar-lhes salários e comodidades convenientes, e com favorecer os bons engenhos e estimar as invenções e as obras que participam do singular e do raro, e com sinalar prémios à perfeição e à excelência**.

Desejo de **impedir a saída de matérias primas**.

... E, além de viver muita mais gente do trato da matéria lavrada que da matéria simples ... , as rendas do príncipe são com excesso maiores pelas sacas das obras que dos materiais

... Porque **disto se nos seguirão duas grandes utilidades**: (/55) a primeira, que **ficará no Reino todo o dinheiro que houver de ir para fora por razão destes panos**; a segunda, que **não dependerá da vontade dos estrangeiros trazerem-nos esta mercadoria que totalmente necessitamos e pôr-lhe os preços à sua vontade, tendo-a nós em nossa casa**.

Manuel Severim de Faria, «Dos remédios para a falta de gente» (1655)

1.1.2. Duarte Ribeiro de Macedo:

QUAL É A CAUSA DA SACA DO DINHEIRO DO REINO

56

... o [estado de comércio] **pobre é quando necessita de mais fazendas e frutos do que tem para das; porque necessariamente paga o excesso em dinheiro**.

Nós estamos neste terceiro estado de comércio e esta é a única causa por que os estrangeiros tiram dinheiro ao reino: eles o confessam assim.

Descrição do **comércio com os outros reinos**:

Portugal Inglaterra - baetas, panos e meias de seda e lã.

Portugal Inglaterra - azeite, sal, fruta de espinho, açúcar (ainda que com pouca conta, pelo muito que fabricam nas suas colónias da América), tabacos (com a mesma pouca conta), pau-brasil e outras coisas de menos consideração.

Portugal França - grande número de fazendas, chapéus e fitas de toda a sorte em quantidade incrível, grande número de bagatelas.

57

Portugal França - pau-brasil, açúcar, tabaco (com a mesma pouca conta que os ingleses), algum azeite, lãs, outras coisas de pouca conta.

Holanda, Suécia e Hamburgo metem no Reino todas as coisas necessárias para a fábrica das naus, pólvora, balas, ferro, cobre, bronze, artilharia e todas as obras de arame.

... De coisas que servem ao sustento [os Holandeses] nos metem queijos e manteigas; os Franceses e Ingleses, bacalhau; e nos anos estéreis nos vem de França uma grande soma em trigo e cevada.

... são contudo os Holandeses tão senhores do comércio do mundo que, ainda que seja com pouca conta, tomam tudo o que lhes damos, porque lhe dão saca, navegando todo o género de fazenda.

58

... Qual há de nós que traga sobre si alguma coisa feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o pano de linho e sapatos são obras nossas. Chapéus, já se desprezam os nossos, e não se estima homem limpo o que não traz chapéu de França.

Duarte Ribeiro de Macedo, «Sobre a introdução das artes» (1675)

1.1.3. Alexandre de Gusmão:

SOBRE AS FÁBRICAS DO REINO

D. Luís de Meneses, terceiro conde da Ericeira, correspondendo-se com **Luis de Vasconcelos e Sousa, segundo conde de Castelo Melhor**, pelos anos de 1680, que então se achava em Inglaterra, tratou com ele os meios de promover o estabelecimento (/59) de algumas fábricas de panos dentro do nosso reino; e para este fim convieram que viessem os mestres e oficiais fabricantes de panos e mais tecidos de lã de Inglaterra, a título de criados da rainha da Grã-Bretanha, a Senhora **D. Catarina**, que então se recolhia para o Reino.

... Tanto trabalhou Ericeira para aumentar as fábricas que até conseguiu do Rei uma **pragmática** no ano de 1684, em que proibiu expressamente os panos estrangeiros, negando-lhes o despacho nas alfândegas, cuja lei sumptuária foi ditada pelo mesmo conde; mas, por desgraça nossa, faleceu este grande patriota no ano de 1690.

... Logo que ele faleceu ... principiou a ruína delas

63

Alexandre de Gusmão, «Apontamentos Políticos, Históricos e Cronológicos, Copiados das Memórias Secretas de Gusmão sobre as Fábricas do Reino»

64

1.1.4. Luís da Cunha:

DISCUSSÃO DO TRATADO DE METHUEN

sobre a destruição das manufacturas: ... vem a ser a **Inquisição**, prendendo uns por crime de judaísmo, e fazendo fugir outros para fora do Reino com os seus cabedais, por temerem que lhes confiscassem, se fossem presos, **foi preciso que as tais manufacturas caíssem, porque os chamados cristãos-novos os sustentavam e os seus obreiros que nelas trabalhavam eram em grande número**, foi necessário que se espalhassem e fossem viver em outras partes e tomassem outros officios para ganharem o seu pão, porque ninguém se quis deixar morrer de fome.

A outra razão apontada é a **permissão dada aos ingleses de meterem em Portugal os seus lanifícios**.

Para esta desgraça concorreram três coisas: a primeira **querer o Senhor Rei D. Pedro** com prazer com a rainha de Inglaterra, com a qual acabava de fazer um tratado de perpétua aliança defensiva, e lhe pedia que levantasse a pragmática; a segunda **ser D. João Methuen, seu embaixador, irmão de um grande mercador de panos**, e assim trabalhou em causa própria, sem embargo de que sempre lhe fui contrário; e a terceira, que pôs a foice à raiz, foi que **o dito embaixador fez conceber a certos senhores, cujas fazendas pela maior parte consistem em vinhos, que estes teriam melhor consumo em Lisboa pela grande quantidade que deles sairia para fora se por equivalente desta permissão a Inglaterra se obrigasse a que os vinhos de Portugal pagassem direitos da terça parte menos que os de França**;

67

Testamento Político de D. Luís da Cunha

223

2.1. Impulsos Industriais no Contexto de Dificuldades Conjunturais

2.1.1. Vitorino Magalhães Godinho:

DEPRESSÃO E OTILIDADE; ES COMERCIAIS E ARRANQUES COMERCIAIS (1750-1850)

As altas e baixas de preços e as industrializações: o caso português

Definição de **4 períodos de esforços de industrialização entre meados do século XVII e meados do século XX**:

O **primeiro desenvolvimento industrial**, ligado à política colbertista do **marquês da Fronteira** e do **conde da Ericeira** e à obra doutrinária de **Duarte Ribeiro de Macedo**, **inicia-se entre 1670 e 1675, e estende-se até 1690**. Dos preços cruciais para a economia portuguesa, uns - **açúcar, tabaco, cravinho** - baixavam drasticamente, outros - o **azeite**, por exemplo, baixavam gravemente.

O preço do trigo e de outros produtos alimentares evolui numa linha horizontal, quase se inclinando para a baixa. Tal era a conjuntura deste primeiro desenvolvimento industrial. Logo que as mercadorias tradicionais reencontraram mercados e que **os preços começaram a subir**, cerca de 1690, **abandona-se a política manufactureira** e deixa-se de abrir estabelecimentos industriais (/224). Porém, logo que esta prosperidade sofre grandes dificuldades e que **os preços abandonam a sua subida**, por volta de 1716, **de novo surgem manufacturas e oficinas**.

... O **segundo desenvolvimento industrial inicia-se em 1769-1770**. Durante oito anos a **Junta do Comércio** ajudou a instalar **mais de 71 estabelecimentos manufactureiros** que se consagram a diferentes indústrias: **refinarias de açúcar, metalurgia, lãs, chapéus, têxteis, cerâmicas, vestuário, papel, quinquilharias, vidros**, etc. ... Como mais de 60% destas manufacturas foram estabelecidas em Lisboa e no Porto, é em relação às curvas de preços sobretudo nestas duas cidades que é preciso considerar um tal desenvolvimento industrial, cujos **limites cronológicos** são 1769 e 1778.

230

Depressões comerciais e impulsos industriais. Do **Conde de Ericeira** ao **Marquês de Pombal**

A partir de cerca de 1650-1660 muda o enquadramento mundial da economia portuguesa e essas mudanças afectam-na profundamente.

Nas Antilhas, Ingleses, Holandeses e Franceses iniciam e desenvolvem a produção do açúcar e do tabaco e os seus mercados nacionais fecham-se aos produtos estrangeiros.

Os preços baixam e os Portugueses perdem alguns dos seus mercados.

No Golfo da Guiné, **os Holandeses afastam os Portugueses do tráfico dos negros**, em Angola o litoral está humanamente esgotado ... : aumento de dificuldades para o aprovisionamento de mão-de-obra dos engenhos brasileiros. Baixa dos preços, alta dos custos de produção, má venda, acumulação de produtos em armazém: uma grande enfermidade atinge os dois produtos nevrálgicos da actividade sacramental portuguesa - o **açúcar** e o **tabaco** -, portanto a ligação vital entre a metrópole e o Brasil. Por outro lado, **diminui a chegada de prata em Sevilha e Cádiz** e o tráfico holandês desenvolve-se noutras direcções além de Lisboa e Setúbal. Ora os Holandeses vinham comprar o sal com a prata americana, irradiando dos mercados espanhóis onde os Portugueses vendiam o tabaco e o açúcar, era a base da circulação monetária em Portugal. Crise da prata, crise de açúcar, crise de tabaco, crise de cravinho: abalados os pilares do mercantilismo português, o drama estala à volta de **1670**.

A **política manufactureira** procura reparar os prejuízos desta crise comercial.

A partir de **1690**, a procura estrangeira subitamente aumentada esgota os stocks das mercadorias coloniais, leva quantidades cada dia maiores de mercadorias da produção nacional - **azeite, sal, vinhos**, etc. - e os preços começam a subir em Portugal. **Abandono da política manufactureira, paragem do desenvolvimento industrial.**

231

Cerca de **1716**, os preços param de subir: a partir de 1714 faz-se sentir uma nova crise comercial Uma vez mais os esforços se desenvolveram com o fim de aumentar a produção industrial portuguesa, a fim de reduzir as importações e, portanto, o deficit comercial. ... O reinado de **D. João V**, o rei-sol português, aproveita-se da **paz internacional** ou das **vantagens da neutralidade** e brilha com todo o esplendor do **ouro do Brasil**, reanimando a sólida prosperidade que a **reexportação dos produtos coloniais** e a **exportação dos vinhos metropolitanos e insulares** tornam mais firme; **florescem as iniciativas privadas, sem se chocarem com os entraves dos monopólios.**

Para o fim do reinado de **D. João V** torna-se sóbrio este quadro de prosperidade barroca Quando se entra na segunda metade do século, muitos preços descrevem a curva descendente de uma onda de longa duração.

... É num clima de inquietação, tornado dramático pela catástrofe de **1755**, que se inicia a **primeira fase do despotismo** (/232) **esclarecido de Pombal**. Os **monopólios** apoderam-se das ligações comerciais entre a metrópole e as colónias, dos maiores negócios de importação e exportação, assim como dos mais importantes fornecimentos do mercado nacional. Apenas as relações entre as próprias colónias eram deixadas à iniciativa particular. **Com Pombal, são os arrendatários do tabaco e os grandes negociantes do Vinho do Porto que detêm o Poder**. ... A nova organização da economia mercantil foi preparada por **Pombal**, de acordo com as exigências da conjuntura e a pressão daquelas forças sociais, mais do que segundo um plano traçado antecipadamente e perfeitamente amadurecido.

233

A evolução da balança comercial com a Grã-Bretanha esclarece perfeitamente o sentido e a eficácia do mercantilismo de **Pombal**. ... **As exportações aumentam acima do nível de 1745-1749**, mas o resultado deve-se, sobretudo à **diminuição sensacional das importações até um nível bem inferior ao de 1740-1754**.

Nova crise em 1768-1771:

234

a) baixa dos lucros, contracção do número de negócios, diminuição da produção, abaixamento dos preços precedendo a política de industrialização, impulso e desenvolvimento das manufacturas e oficinas. Em resumo: **a crise e a depressão comercial impõem o desenvolvimento industrial.**

b) o desenvolvimento industrial (**1769-1778**), por seu lado, precede a nova subida dos preços e a retomada mercantil (**1782**).

258

Vitorino Magalhães Godinho, *Prix et Monnaies au Portugal*,

págs. 243-266 e 272-280, Paris, 1955.